

VESTÍGIOS DE UM CENTRO PRODUTOR DE FAIANÇA DOS SÉCULOS XVII E XVIII

DADOS DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA DE BUENOS AIRES, N.º 10, LISBOA

LUÍSA BATALHA Arqueóloga

ANDREIA CAMPÔA Neoépica, Lda.

GUILHERME CARDOSO Assembleia Distrital de Lisboa

NUNO NETO, PAULO REBELO, RAQUEL SANTOS Neoépica, Lda.

RESUMO Durante o acompanhamento de uma obra, a cargo da empresa de arqueologia Neoépica, na Rua de Buenos Aires, n.º 10, zona do bairro da Estrela, em Lisboa, foram detectadas duas bolsas com materiais cerâmicos. Abertas no substrato geológico local, para extracção de argilas, foram posteriormente colmatadas com entulhos provenientes de actividade oleira. Entre os diversos vestígios, recolheram-se fragmentos de tijolo de fornos vitrificados pela acção do calor, caixas de vidragem com os seus cravilhos, abundantes fragmentos de cerâmica em chacota, placas para azulejo, pratos; malgas, taças, saladeiras, boiões, jarros, etc.

Em menor quantidade, é o conjunto de fragmentos de peças de refugo de faiança ali recolhidas, mas que possibilitaram registar os motivos decorativos aplicados pelos pintores nas produções da oficina ou das oficinas, que nos finais do século XVII ali extraíram a argila branca, utilizada para modelar as suas manufacturas.

PALAVRAS-CHAVE Olaria, chacota, faiança, decoração, vidrado

1. INTRODUÇÃO

Na sequência da reabilitação e ampliação do n.º 10 da Rua de Buenos Aires em Lisboa (fig. 1), foi realizado o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos que implicaram movimentação de solos. No seu decurso, entre outros vestígios contemporâneos ao edifício existente, identificaram-se três fossas de forma oval alongada, escavadas no substrato geológico, que terão funcionado como áreas de extracção de argila para a produção de faiança. À época do seu funcionamento, as posturas camarárias exigiam que, após a sua abertura, estas "galerias" fossem fechadas, sendo as mesmas utilizadas pelos oleiros como lixeiras, onde eram depositados essencialmente os recipientes defeituosos. O edifício alvo de acompanhamento foi edificado em 1860 para residência dos Visconde dos Olivais, passando desde então a ser conhecido como "Palacete dos Viscondes dos Olivais" (fig. 2). Tendo sido edificado em pleno período Romântico em Portugal (1835-1880), retira dessa corrente estético-artística muita da sua decoração e arquitectura. Apresenta na maioria das suas divisões (do corpo central do edifício) paredes, tectos e corredores estucados a branco e com motivos vege-



1. Localização da área alvo de acompanhamento na Carta Militar de Portugal n.º 431.



2. Imagem de satélite da área alvo de acompanhamento.

talistas, sendo impressionantes os seus salões nobres (como a “Sala Azul”, “Sala dos Espelhos” ou a “Sala Branca”) que apresentam paredes estucadas de branco profusamente decoradas com motivos vegetalistas, florais e heráldicos, em relevo ou rendilhadas, paredes pintadas de azul, ou com relevos banhados a ouro e frescos de cores suaves de temática “colonialista”. De 1916 a 1969 o edifício foi utilizado como sede do Instituto Industrial de Lisboa e a partir de 1969 o espaço foi aproveitado pela Universidade Técnica de Lisboa como pólo do Instituto Superior de Economia. Mais tarde o edifício é abandonado ficando durante vários anos devoluto, sendo em princípios do corrente século vendido em hasta pública e adquirido pelos actuais proprietários, que têm para o local um projecto de reabilitação. Os trabalhos de acompanhamento arqueológico e posterior escavação, foram da responsabilidade da empresa Neoépica Lda., tendo como arqueólogos responsáveis Nuno Neto e Andreia Campôa.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO

A área alvo dos trabalhos situa-se na Rua de Buenos Aires, n.º 10, pertencente à freguesia da Lapa, concelho de Lisboa. Encontra-se localizada na Carta Militar de Portugal n.º 431 (escala 1/25000), com as seguintes coordenadas: 9º 09' 67" (longitude –W); 38º 42' 77" (latitude –N), a uma altitude média de cerca de 79 m. Geologicamente a área alvo de estudo localiza-se nas denominadas argilas das Camadas de Prazeres (fig. 3). Estas afloram apenas em Lisboa, estendendo-se desde Carnide até Santos, passando por Benfica, Palma de Baixo, Campo Pequeno, Praça Marquês de Pombal, Largo do Rato, Prazeres, Estrela e Lapa. Podemos ainda observar esta formação mais para Oeste, junto do forte do alto do Duque e de Algés (PAIS, J. *et al*, 2006, p. 13). Trata-se de argilas de coloração esverdeada a amarelada, que após cozedura dão pastas brancas a



3. Extrato da Carta Geológica de Portugal, folha 34-D – Lisboa, escala 1:50000.

rosadas. São argilas de excelente qualidade, tendo sido extraídas ao longo do período Moderno e Contemporâneo para a execução da denominada Faiança de Lisboa.

3. VESTÍGIOS DE UM CENTRO PRODUTOR DE FAIANÇA DOS SÉCULOS XVII E XVIII

No decurso dos trabalhos de acompanhamento arqueológico foram identificadas diversas estruturas contemporâneas ao antigo palacete dos Olivais, tais como: um fontanário/lago, um poço, um tanque e várias outras que se inseririam na área correspondente ao jardim do palacete. Todas estas estruturas inserem-se cronologicamente na segunda metade do século XIX. Porém, no decorrer dos trabalhos foram identificadas três fossas escavadas no substrato geológico constituído por argilas amarelas e esverdeadas, cujos enchimentos permitiram a identificação de diversos fragmentos de cerâmica, do que consideramos serem vestígios de um Centro Produtor de Faiança dos séculos XVII e XVIII.

A primeira fossa [128] (fossa o) foi detectada a cerca de 3 m da fachada NO do Palacete dos Viscondes dos Olivais e foi identificada aquando do rebaixamento daquela área a uma cota aproximada de 81m. As outras duas fossas foram detectadas no limite NO do terreno a uma cota aproximada de 78,52 m, na área a ocupar pela piscina do condomínio.

3.1 Fossa o – U.E. [128]

Os trabalhos de escavação desta fossa foram dificultados pelos trabalhos de execução de ancoragens do paredão de betão que suporta a fachada NO do palacete. Estes trabalhos não podiam ser interrompidos por questões relacionadas com a estabilidade do próprio edifício, pelo que foi necessário conciliar os trabalhos arqueológicos com estas contingências de obra.

Desde modo, numa primeira fase foram identificados os limites da fossa que se desenvolvia sobre o comprimento em direcção ao talude NO da obra, sendo posteriormente escavado o seu enchimento com recurso a meios manuais. Metodologicamente, procedeu-se primeiro à escavação da metade SE da fossa e após o registo do corte resultante, efectuou-se a escavação da sua metade NO.

Os trabalhos de escavação da fossa o (fig. 4), permitiram a detecção de uma estratigrafia bastante simples composta por uma única camada (U.E. 126), constituída por um sedimento de cor castanha clara com intrusões de argila esverdeada, de consistência compacta e granulometria fina. Envolto neste sedimento foi possí-



4. Fossa o (U.E.-128).

vel recolher diverso material arqueológico relacionado com a produção de faiança bem como diversas placas de cerâmica a utilizar na execução de azulejos de faiança (ver capítulo de materiais).

3.2 Fossa 1 e 2 – U.E. [133] e [135]

Mais uma vez os trabalhos de escavação destas fossas foram dificultados por contingências relacionadas com a segurança da obra. Um dos muros de sustentação da obra ameaçava ceder, pelo que se tornava urgente proceder à remoção das terras que criavam pressão sobre este. Essa operação era dificultada pelo aparecimento de mais duas fossas que impediam a circulação da maquinaria necessária à operação. Deste modo e de forma a procurarmos conciliar os necessários trabalhos arqueológicos com esta contingência de segurança, entrámos em contacto com o IGESPAR de fim de definir qual a melhor metodologia a utilizar nesta situação. Como resultado utilizou-se a conjugação de meios mecânicos mais expeditos com os meios manuais que possibilitaram a recolha de inúmero material cerâmico de características idênticas ao material já recolhido na fossa o.

Numa primeira fase, os trabalhos de definição manual dos limites desta fossa foram dificultados pelas condições climatéricas adversas o que, em conjunto com as condições de segurança referidas, levou a que se optasse por remover mecanicamente os níveis superiores que se encontravam saturados de água de modo a possibilitar a delimitação da fossa. Os restantes trabalhos procederam de forma manual, embora os limites desta estrutura negativa não fossem claros, pelo que optámos pela abertura de duas sondagens mecânicas do tipo vala, abertas uma no sentido N-S e outra no sentido E-O (fig. 5).

Como resultado foi possível perceber que em vez de uma fossa, estávamos perante a presença de duas,



5. Valas de diagnóstico 1 e 2.

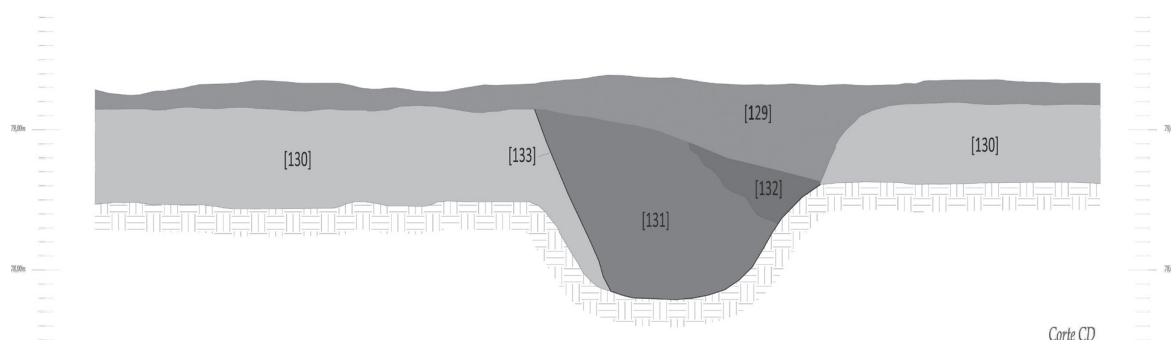
ambas com uma orientação grosso modo E-O, sendo uma das fossas de maiores dimensões. A percepção desta realidade apenas foi possível após a abertura da vala efectuada no sentido E-O, pelo que até então o material recolhido foi identificado como pertencente a uma única fossa, denominado mais tarde como material proveniente dos enchimentos [132/134].

Após esta observação, foi possível manualmente delimitar com rigor as duas fossas, que apresentam uma forma ovalada, alongada, pelo que a fossa 1 apresentava um comprimento máximo de 3,42 m por 2,40 m de largura, possuindo a fossa 2 um comprimento máximo de 2,30 m por uma largura máxima de 0,98 m.

A continuação da escavação dos enchimentos destas fossas fez-se com recurso a meios manuais e mecânicos. Os trabalhos de escavação da fossa 1 permitiram a detecção de dois enchimentos de características semelhantes (figs. 6 e 7): Sedimento arenoso de cor alaranjada (U.E.-131) resultante da inúmera cerâmica de construção moída que se observa neste enchimento. Para além da cerâmica de construção foi possível recolher inúmero material arqueológico relacionado com a produção de faiança, bem como cerâmica fosca e



6. Fossa 1 (U.E.-133).



7. Fossa 1 – Corte Norte.

azulejo (ver capítulo de materiais); Sedimento arenoso de cor castanha acinzentada (U.E.-132), sendo visível vestígios de cinza. Foi ainda possível recolher inúmero material arqueológico relacionado com a produção de faiança, bem como cerâmica fosca e azulejo. A grande maioria do material arqueológico proveio desta unidade (figs. 8 e 9).

Os trabalhos de escavação da **fossa 2** permitiram a detecção de uma estratigrafia bastante semelhante à observada para a fossa 0, composta por uma única camada (U.E. 134), constituída por um sedimento de cor castanha clara com intrusões de argila esverdeada, de consistência compacta e granulometria fina. Envolto neste sedimento foi possível recolher, embora em percentagem inferior à observada nas restantes fossas, diverso material arqueológico relacionado com a produção de faiança, que adiante descreveremos (figs. 10 e 12).

4. AS CERÂMICAS

As entulheiras encontradas no decorrer dos trabalhos arqueológicos na Rua de Buenos Aires, apresentam-se como excepcional contributo para o estudo da loiça em faiança na região de Lisboa. A sua maior importância, advém do facto de grande parte da informação a que temos tido acesso, se basear em dados documentais, enquanto esta descoberta, vem efectivamente

demonstrar de forma inequívoca, as formas, as pastas, as cozeduras e a decoração, das produções cerâmicas dos séculos XVII e XVIII.

O nosso estudo incide única e exclusivamente no contexto das produções de Lisboa. Seria inapropriado estabelecer paralelos com outras realidades, quando na verdade estamos perante um caso paradigmático que só por si vem dar alguma luz, a muitas dúvidas que se colocam, de cada vez que somos confrontados com contextos referentes a estas cronologias.

A nossa referência documental para o estudo deste relevante conjunto cerâmico foi o trabalho efectuado por António Celso Mangucci, sobre as olarias de Lisboa (Mangucci, 1996, p. 155).

Dos numerosos fragmentos oferecidos durante os trabalhos, após a sua inventariação, registámos que a maior percentagem de fragmentos, correspondia a louça em chacota, 58%, seguindo-se a faiança com 23%, a louça fosca vermelha a 11%, os azulejos vidrados a 7%. Quanto às placas de azulejo em chacota, grande parte exumada da fossa "0", dado o seu elevado número, foram registadas através de pesagem, donde resultou um conjunto bem significativo com 203,7 Kg.

Em relação aos fragmentos de cerâmica em chacota de faiança, a maior percentagem corresponde às saladeiras, seguindo-se os pratos, as malgas e indeterminados. Por outro lado, os fragmentos em faiança apresentam



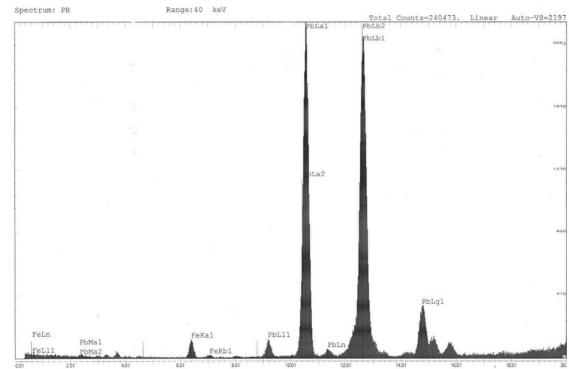
8. Fossa 1, U.E. -132. Rejeitados em chacota e faiança.



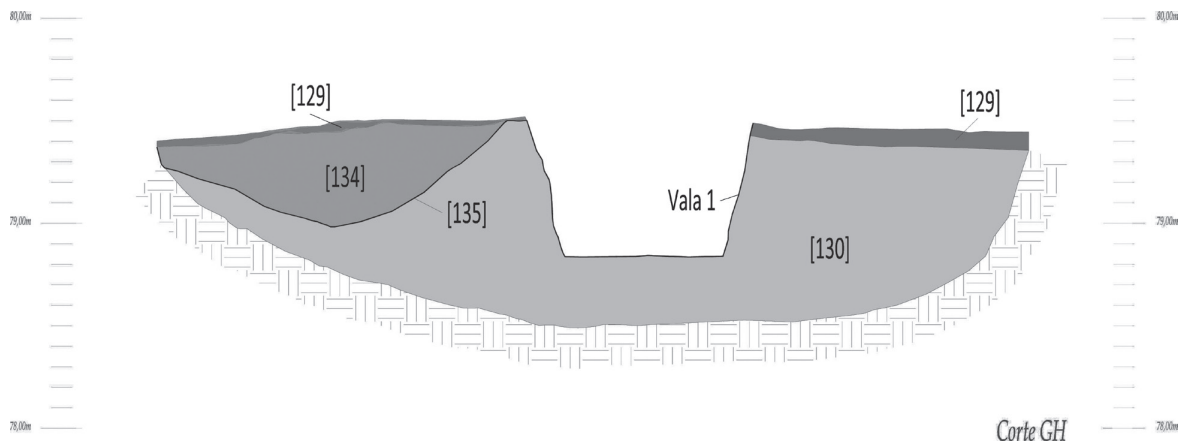
9. Fossa 1, plano final, sendo visível o substrato escavado em degraus.



10. Fossa 2. Estratigrafia observada no corte Este.



11. Gráfico da análise efectuada no laboratório do Instituto de Tecnologia Nuclear, onde se vê os dois picos que conferem à amostra uma grande percentagem de chumbo.



12. Fossa 2. Estratigrafia observada no corte Este.

maior percentagem no conjunto de fragmentos indeterminados, seguindo-se, malgas, pratos, saladeiras, tigelas e rejeitados por colagem. No entanto, registámos ainda: bacias, covilhetes, escudelas, jarra, pires e taças. Não incluímos neste estudo as cassetes utilizadas para conter as peças a levar ao forno para vidrar (fig. 13) bem como os cravilhos das mesmas (fig. 14), assim como a louça fosca.

5. PASTAS

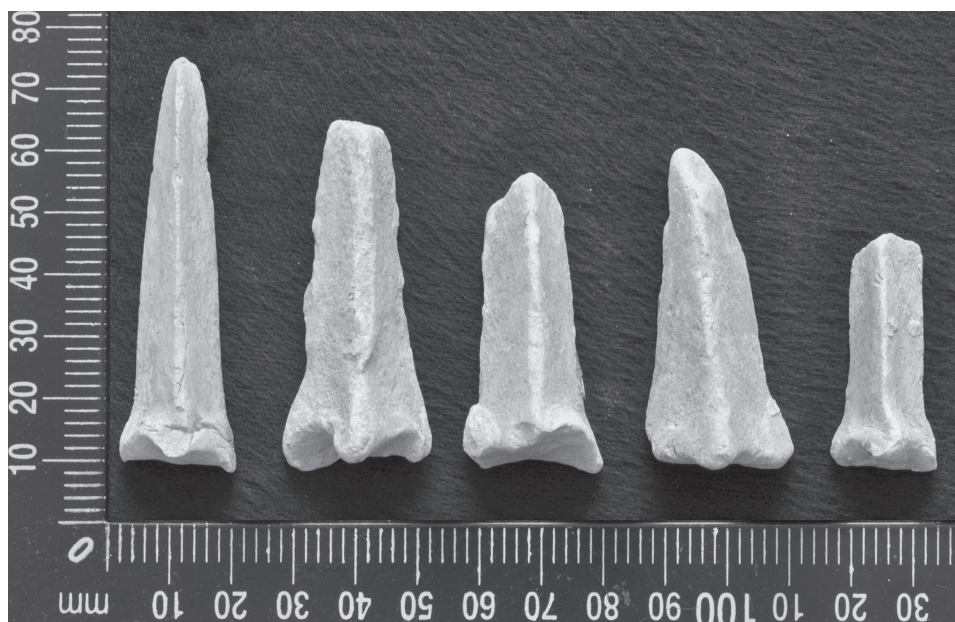
As pastas cerâmicas, correspondentes à loiça de faiança, apresentam coloração entre o branco amarelado (Munsell 2.5Y8/3) e o rosa claro (Munsell 5YR8/4), enquanto nas peças em chacota, se registam pastas vermelhas (2.5YR5-6/8). É nítida uma proveniência de barreiros constituídos por bolsas de barro branco em contacto com outras de barro vermelho, fenómeno tão característico dos locais de extracção da região de Lisboa.



13. Fragmentos de cassetes.

A fractura é irregular, granulosa, fina, por vezes com aspecto foliáceo, apresentando alguns vacuolos devido a deficiente amassadura.

Observa-se que as peças de pasta mais clara não apresentam quartzo, salvo raras excepções; a mica é rara e



14. Cravilhos.

minúscula, mas são habituais os nódulos redondos ou laminares de óxido de ferro vermelho, muito duro. Por sua vez, as mais rosadas, contêm minúsculos grãos de quartzo que lhe conferem um aspecto vítreo.

5.1 O Vidrado

As peças em faiança apresentam o característico vidrado estanífero. Este, adquire o brilho que imita a porcelana quando lhe é adicionada uma certa percentagem de óxido plumbífero. São precisamente vestígios de óxido de chumbo que o Laboratório do Instituto Tecnológico Nuclear observou (fig. 11), durante a análise efectuada a um granulado fino, que se encontrava aglutinado às paredes de recipientes de louça fosca e que terá servido certamente para entrar na mistura final do vidro, peça n.º 175.

Neste significativo conjunto de artefactos provenientes de bolsas de entulheiras, podemos observar algumas patologias, para além das peças que sofreram fractura durante o processo de cozedura:

Fragmentos colados entre si, indevidamente separados no interior do forno.

Fragmentos com enrolamento no vidrado, fenómeno resultante de possível existência de pó na peça quando à chacota é dado o banho de vidro.

Fragmentos com efeito picado no vidrado. Esta foi a patologia mais frequente dos objectos em análise e que resulta na produção de gases no processo de arrefecimento após a cozedura.

Fragmentos apresentando efeitos de craquelê, não intencionais. Tal como no caso anterior, o fenómeno ocor-

re após o arrefecimento, em que se verifica discrepância entre o coeficiente de dilatação do vidrado e da chacota. Fragmentos com marcas de trempe ocorrem esporadicamente, não sendo esta a patologia mais frequente. Fragmentos com destacamento de vidrado também se observam nalgumas peças, mas decorrente de deficientes condições de jazida.

Fragmentos com desgaste por erosão ocorrem na generalidade das peças e tal como no caso anterior, por deficientes condições de jazida.

A maioria das peças analisadas ofereceu superfícies com abundantes vestígios de argila, devido ao meio argiloso que as envolveu desde que ali foram depositadas.

6. AS PRODUÇÕES

Neste capítulo, teremos em consideração os materiais oferecidos pelas duas fossas de rejeitados, identificadas como fossa 0, U.E [128] e fossa 1, U.E [133].

Nas duas fossas, identificámos tipologias formais semelhantes, com pequenas variantes, no entanto é na gramática decorativa que detectámos particularidades que nos ajudam a confirmar a cronologia das mesmas.

6.1 Espólio cerâmico da fossa 1, U.E [133]

6.1.1 As faianças

Saladeiras

Considerámos quatro formas. As peças n.ºs 1 e 2, com bordo e secção circular, paredes ligeiramente curvilíneas, assentam num pé baixo e anelar. Apresentam

decoreção azul-cobalto sobre vidrado branco. Pinceladas oblíquas no bordo e uma banda de semi círculos concêntricos na superfície interna, entre dois filetes. O fundo revela decoreção indefinida.

Os exemplares n.ºs 3 e 4, apresentam bordos semicirculares, paredes rectilíneas, assentes em pé baixo e anelar. A composição decorativa, azul sobre branco, apresenta um filete junto ao bordo e semi círculos concêntricos na superfície externa. No segundo exemplar, existe um filete na superfície interna.

Por último, o exemplar n.º 7 com bordo arredondado em aba, apresenta pinceladas largas em azul-cobalto ao longo do mesmo, sobre semicírculos concêntricos.

Bacias

As peças n.ºs 5 e 6 apresentam bordos planos de secção quadrangular, extrovertidos. A decoreção dos bordos corresponde no primeiro caso a um único filete, enquanto no segundo exemplar se observam dois filetes azul-cobalto, de pincelada mais larga, enquadrando dois mais finos, interceptados por pinceladas largas na vertical.

Pratos

Os pratos representam um conjunto muito significativo, apresentando bordo de secção semicircular, paredes oblíquas com ressalto interno e ligeira carena, junto à base, assentes em pé baixo e anelar.

Nos exemplares n.ºs 8 e 9, a decoreção é composta por filetes azul-cobalto sobre vidrado branco ao longo do bordo, bem como no fundo das peças, onde se subentende uma espiral azul no centro.

Os exemplares n.ºs 10, 11, 12, 13 e 14, tal como os anteriores apresentam a mesma forma. Quanto à gramática decorativa, azul sobre branco, regista-se um filete junto ao bordo nos fragmentos de perfil completo com semicírculos concêntricos, alternando com pinceladas em meia-lua, horizontais e uma pincelada vertical, formando um triângulo. A decoreção do fundo dos pratos, apresenta uma espiral ao centro, com meias-luas, alternadas com pinceladas simétricas em triângulo invertido, como é o caso do exemplar correspondente a um fragmento de fundo, n.º 15.

Tigelas

Quanto à forma, as tigelas apresentam bordos biselados e corpo em calote esférica, assente num pé baixo em anel. Os exemplares n.ºs 16 e 17 oferecem decoreção azul-cobalto e vinhático sobre vidrado branco, com motivos de rendas na superfície externa junto ao bordo, pinceladas em meia-lua e um filete junto à base. Trata-se de um motivo decorrente neste conjunto de taças, tal como podemos observar nos vários fragmentos de parede, entre os quais o exemplar n.º 18.

A decoreção com semicírculos concêntricos em azul-cobalto sobre vidrado branco também é comum. Encontramo-la na superfície externa das peças nos 19, 20, 21. Um filete percorre as duas superfícies junto ao bordo e os exemplares n.ºs 19 e 20, apresentam ainda uma espiral no centro da peça.

A peça n.º 22, não oferece decoreção externa, mas sim um filete com pinceladas oblíquas em azul-cobalto junto ao bordo e outro filete no fundo, circundando um motivo indeterminado.

O fragmento n.º 23 corresponde a parede de tigela de grande dimensão, apresentando uma decoreção com pinceladas em meia-lua e ainda uma barra de meios círculos sobrepostos, em vinhático.

A tigela n.º 24 apresenta um filete ondulado em vinhático, no interior junto ao bordo. O centro possui decoreção indeterminada devido a fractura.

Neste conjunto, realçamos ainda alguns fundos. Os fragmentos n.ºs 25 e 26 apresentam motivo vegetalista em azul-cobalto e vinhático. Também o fundo da peça n.º 27, oferece um motivo vegetalista estilizado, em vinhático. Na peça, n.º 28, a decoreção é composta por um filete azul-cobalto sobre vidrado branco, envolvendo um motivo fitomórfico também no mesmo tom.

Nos exemplares n.ºs 29 e 30 é evidente a aplicação de vidrado, contudo, não se verificou a adesão do vidrado na superfície em chacota. Nesta última o bordo é ligeiramente afilado.

Fruteira

A peça n.º 31 é a mais relevante do ponto de vista da gramática decorativa. Trata-se de um fragmento de um fundo de peça indeterminada, de grandes dimensões, possivelmente uma fruteira.

As paredes, espessas, assentam num pé anelar, côncavo, alto e bem destacado. Este apresenta longas pinceladas oblíquas em azul-cobalto. O fundo oferece a representação de um busto e rosto feminino, em estilo "grotesco", envolvido por uma moldura de elementos vegetalistas, também em azul-cobalto sobre vidrado branco. Esta é uma peça bem datada cronologicamente, já que o uso dos grotescos é característico do repertório decorativo do século XVII.

6.1.2 Espólio cerâmico em Chacota. Fossa 1 e 2, enchimentos U.E [132] – [134]

Como ficou demonstrado, a louça em chacota, corresponde à maior percentagem de espólio cerâmico.

Considerámos, entre o vasto conjunto de peças, as mais representativas e que na sua maioria apresentam perfil completo.

Pratos

Foram considerados cinco exemplares com diâmetros diversos e que correspondem aos n.ºs 32, 33, 34, 35 e 36. Apresentam bordos de secção arredondada, paredes oblíquas e ressalto no interior. A peça n.º 4 difere das restantes, dado que não apresenta ressalto no interior. As paredes são também oblíquas, mas direitas. Todos assentam em pé baixo e anelar.

Saladeiras

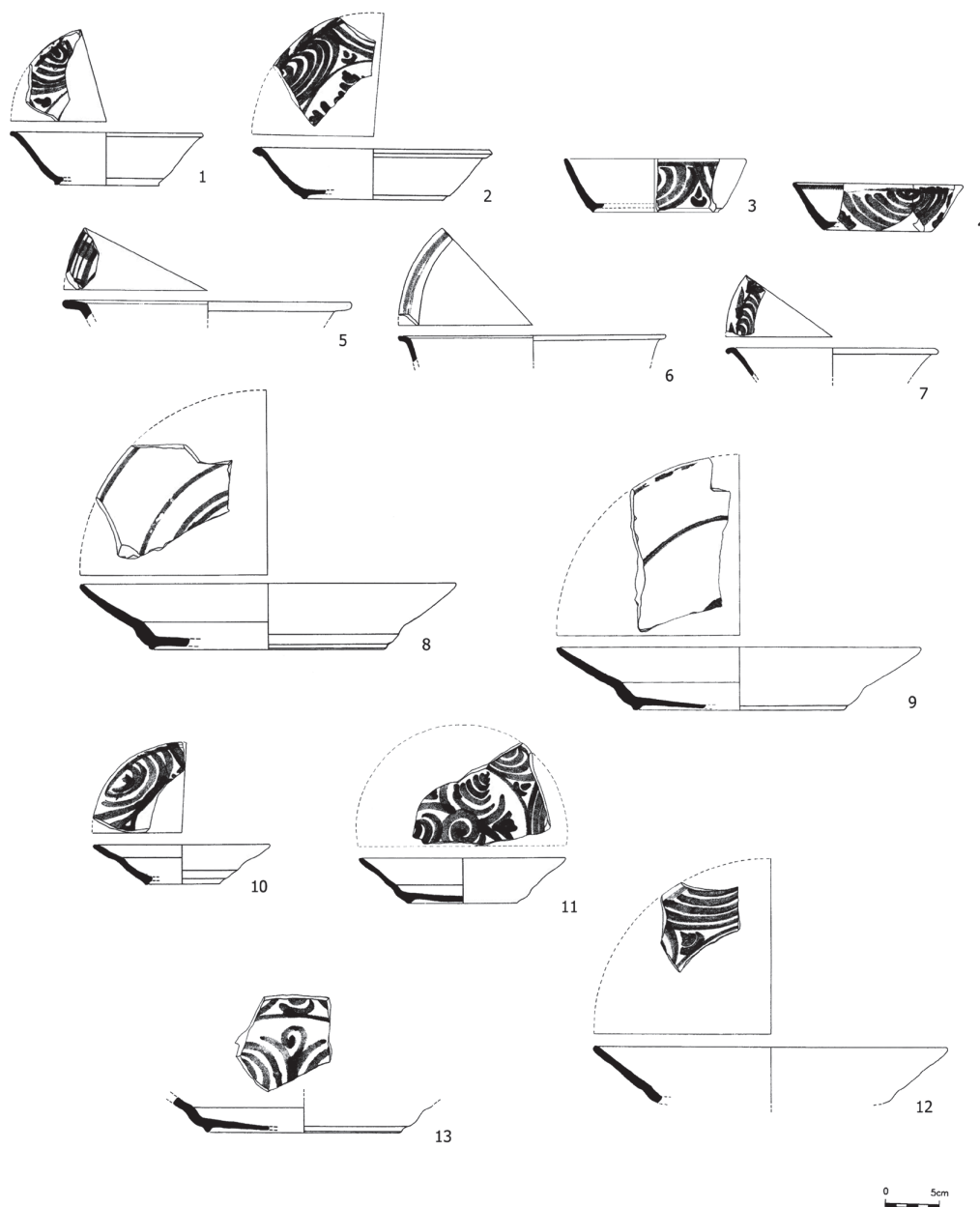
No conjunto de saladeiras, considerámos duas formas, cuja diferença se regista ao nível do bordo. Os exem-

plares n.ºs 37, 38 e 39 apresentam bordos arredondados espessados e extrovertidos, paredes troncocónicas, assentes num pé baixo e anelar.

As de paredes semi-verticais assentam num pé baixo e anelar, n.ºs 40, 41, 42 e 43, muito semelhantes a cavilhes, integramos nas saladeiras mas também podiam servir de pratos covos.

Covilhetes

São formas muito idênticas aos exemplares referidos anteriormente, mas de menores dimensões, principal-



15. N.os 1 a 12, espólio cerâmico da fossa 1, U.E [133].

mente em relação à altura das peças. Os bordos são arredondados, por vezes biselados. As paredes semi-verticais assentam num pé baixo e anelar, tal como o demonstram as peças n.ºs 44, 46, 47 e 48.

Bacias

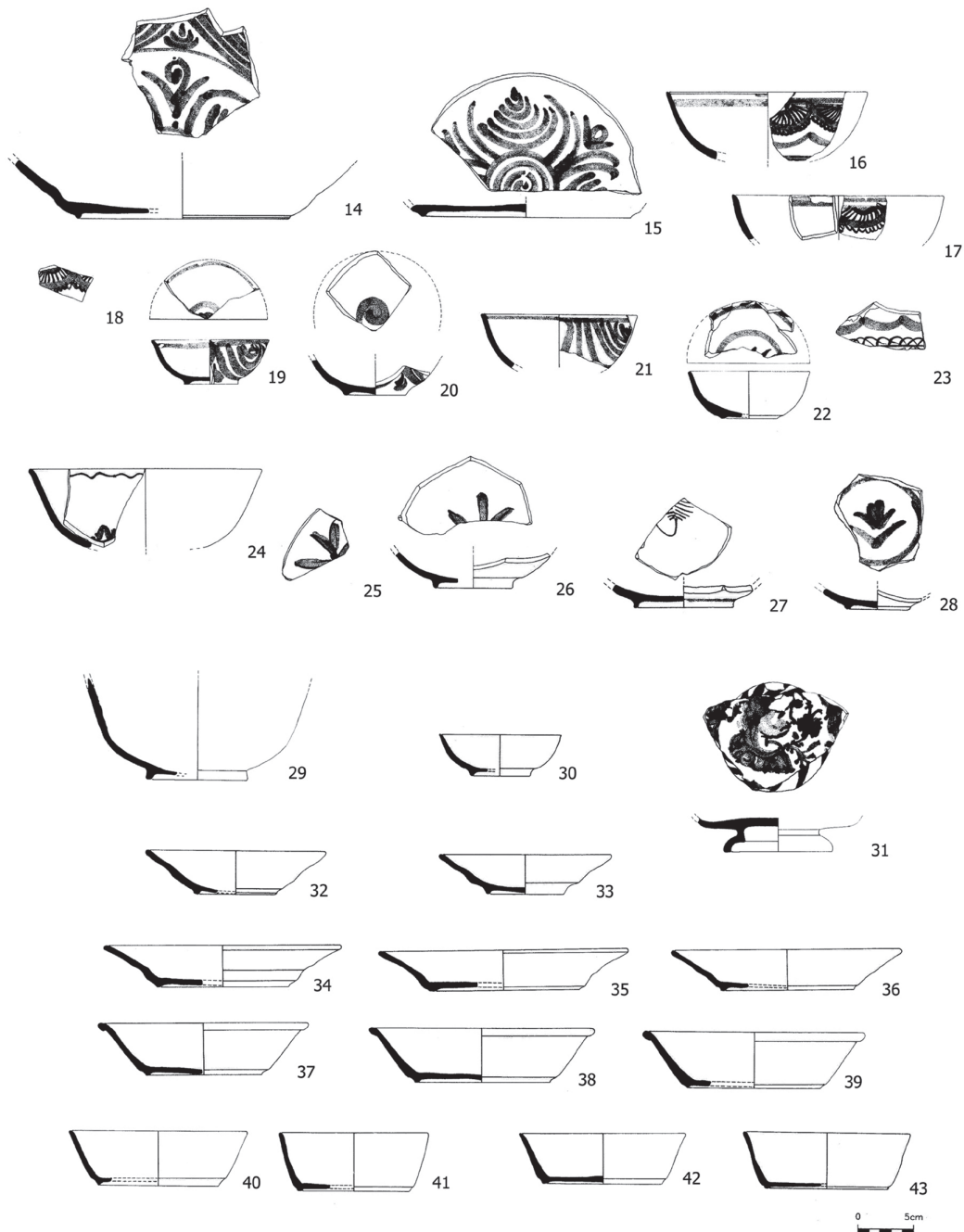
Apresentamos dois fragmentos de bacias, n.ºs 49 e 50, dos quais possuímos um bordo e um fundo. Serviam para lavar copos, ou as mãos no caso dos exemplares decorados.

Tigelas

Com excepção da peça n.º 51, três tigelas apresentam forma em calote esférica, com paredes espessadas. Os exemplares em presença possuem bordos de secção circular, n.ºs 51, 52, 53, e 54. Assentam em pés baixos, em anel, onde se regista depressão bem marcada entre estes e as paredes.

Taças

Apresentamos duas tipologias de taças. A peça n.º 55, apresenta perfil completo. O bordo é extrovertido. As



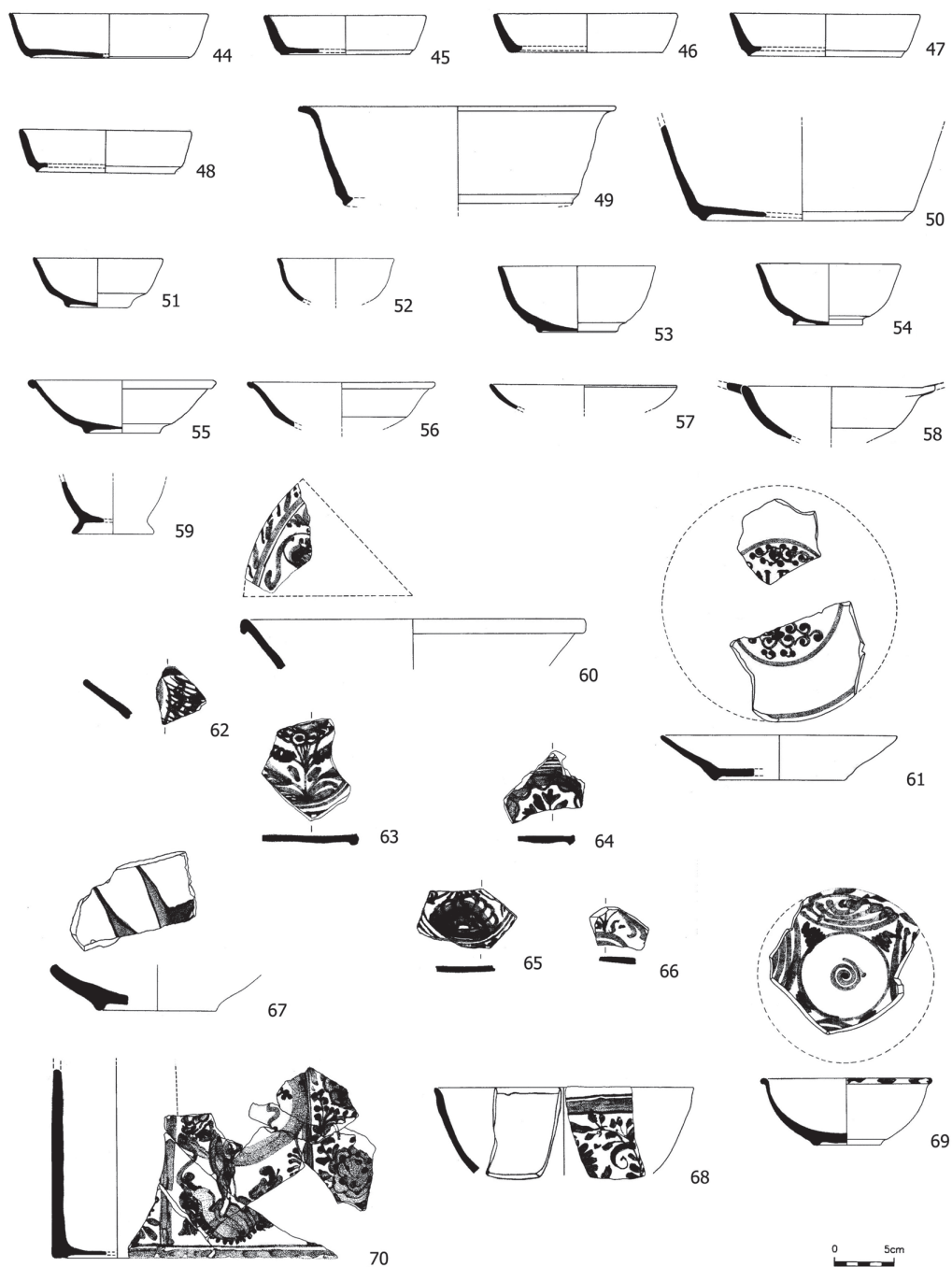
16. N.os 13 a 43; espólio cerâmico da fossa 1, U.E [133].

paredes curvilíneas assentam num pé baixo de secção anelar. A peça n.º 56, com bordo de secção circular, espessado e extrovertido, não possui a base, mas nas paredes ressalta uma ligeira carena.

A peça n.º 57 possui bordo de secção circular e paredes curvilíneas com grande abertura. Não apresenta base.

Escudela

Trata-se de fragmento com pega triangular incompleta, n.º 58, faltando-lhe o frete. As paredes, em calote esférica, espessadas, apresentam bordo de secção circular.



17. N.os 44 a 59, espólio cerâmico da fossa 1, U.E [133]; n.os 60-70, espólio cerâmico da fossa 0, U.E [128].

Jarro/medida

Este exemplar, corresponde a um fundo de um jarro medida, assente num pé anelar, côncavo e bem destacado, n.º 59. A peça foi sujeita a vidrado que não aderiu à chacota.

6.2 Espólio cerâmico da fossa o, U.E [128]

Tal como na U.E [132] – [134], a U.E [126] ofereceu um número elevado de fragmentos de peças cerâmicas em faiança e em chacota.

Faremos aqui uma abordagem a alguns materiais em faiança, deixando para um segundo momento a análise dos materiais em chacota.

Saladeira

Um fragmento de bordo de saladeira, com bordo em aba, apresenta forma troncocônica, com ausência de base, n.º 60.

Esta decorada com motivos fitomórficos em azul-cobalto e vinhático sobre vidrado branco. Pinceladas azuis sobre o bordo, intercaladas por traços finos em vinhático sobre filete azul e filete vinhático muito fino.

Pratos

Fragmento de prato de perfil completo n.º 61. O bordo apresenta secção circular, parede direita, oblíqua, com ligeiro ressalto interno junto ao fundo. Assenta num pé baixo e anelar.

A gramática decorativa apresenta uma composição em azul-cobalto sobre vidrado branco, incompleta, dado só possuímos dois fragmentos. O prato revela um filete junto ao bordo e outro delimitando a cartela no fundo, no interior da qual se observam dois conjuntos de espirais com pequenas pérolas envolvendo uma palavra não legível.

O fragmento n.º 62 corresponde a aba de prato incompleta. A gramática decorativa em azul-cobalto sobre vidrado branco, é indeterminada. Observam-se pinceladas onduladas interceptadas por traços paralelos muito finos. Os fragmentos de fundos de pratos, n.ºs 63, 64 e 65, apresentam decoração azul-cobalto sobre vidrado branco. Nos três exemplares, decorados com motivos vegetalistas, registam-se caules folhas e carola de flores, envolvidas por um filete de pincelada larga, com semi-círculos equidistantes sobre o mesmo, seguindo-se outros filetes mais finos.

Um outro fragmento de fundo de prato, n.º 66, apresenta motivos possivelmente vegetalistas em azul-cobalto e vinhático sobre vidrado branco.

Tigelas

A base da peça n.º 67, apresenta paredes muito espessas, assentes num pé baixo e anelar. Uma estrela azul-cobalto e vinhático preenche o campo interno em vidrado branco.

A peça n.º 68 apresenta bordo com secção circular e ligeira depressão junto do mesmo e ausência de base. A superfície externa apresenta uma barra de pincelada larga entre dois filetes mais finos. Trata-se de uma composição em desenho miúdo com motivos vegetalistas, em azul-cobalto e vinhático sobre vidrado branco. No interior, junto ao bordo, observa-se um filete muito fino em vinhático.

Ao último exemplar de tigelas, corresponde a peça n.º 69. Apresenta um bordo de secção circular bem acentuado, corpo em calote esférica e pé baixo, anelar. A gramática decorativa em azul-cobalto sobre vidrado branco, é composta por semi-círculos concêntricos e esquema de pequenos traços horizontais formando triângulos, entre dois filetes. No centro, desenha-se uma espiral. Ao longo do bordo, registam-se pinceladas oblíquas, equidistantes e ausência de decoração na superfície externa.

Jarra

Por último, a peça n.º 70, correspondendo a uma jarra muito fragmentada, apresentando paredes verticais espessas, com um fundo fino e ligeiramente côncavo. Quanto à gramática decorativa, esta oferece uma grande profusão de elementos vegetalistas em azul-cobalto e vermelho sobre vidrado branco. Um dos campos apresenta uma composição de motivos fitomórficos, envolvendo um motivo antropomórfico, representando o “Nascimento de Vénus”.

CRONOLOGIA

A única moeda que se recolheu durante toda a escavação encontrava-se completamente batida sendo impossível qualquer datação devido a se encontrar muito deformada.

Podemos no entanto calcular através dos modelos das peças encontradas e da sua gramática decorativa que estamos em presença de vazadouros de rejeitados que terão funcionado entre os meados do século XVII e o 1.º quartel do século XVIII, sendo a maior probabilidade entre 1675 e 1700.

7. CONCLUSÕES

A análise dos rejeitados destas entulheiras vem confirmar as opiniões de José Queirós (Queirós, 1983, p. 432) e Vergílio Correia (Correia, 1956, p. 114), quando

defendem a produção de diferentes tipos de materiais nas olarias de Lisboa. O autor contrapõe estas opiniões com as de José Meco (Meco, 1989, p. 54) e Santos Simões (Simões 1990, p. 38), que fazem a distinção, defendendo a especialização entre as olarias produtoras de faiança e as de azulejo.

Ora, no caso das bolsas de rejeitados da Rua de Buenos Aires, verificámos que azulejos, louça fosca e faiança, não surgem isolados, mas sim envolvidos entre si.

Em relação aos fragmentos de cerâmica em chacota de faiança, a maior percentagem corresponde às saladeiras, seguindo-se os pratos, as malgas e indeterminados. Por outro lado, os fragmentos em faiança apresentam maior percentagem no conjunto de fragmentos indeterminados, seguindo-se, malgas, pratos, saladeiras, tigelas e rejeitados por colagem. No entanto, registámos ainda: bacias, covilhetes, escudelas, jarra, pratelos e taças.

Se é verdade, como apontam estas percentagens, que as olarias produziram maioritariamente faiança, fica demonstrado que as restantes produções cerâmicas também se encontravam presentes, o que não invalida que de facto tenham coexistido olarias especializadas nas diversas produções. Tal deixa pressupor que uma mesma olaria empregava mão-de-obra especializada e individualizada, nos dois tipos de produção, facto que se confirma, segundo o autor, quando faz referência à olaria de Luís de Moura, sendo este, "*mestre de louça fina e azulejo*" (ob. cit., p. 160).

Efectivamente, os vazadouros de rejeitados da rua de Buenos Aires, não são indicadores que nos possibilitem determinar qual a proveniência destas cerâmicas. Contudo, dado que os mesmos se encontram localizados na zona da Estrela, é possível que tenham tido origem, por exemplo, nas olarias mais próximas, como é o caso das produções da rua do Pé de Ferro, rua de S. Bento, ou a mais próxima, na rua da Bela Vista.

BIBLIOGRAFIA

CALADO, R. S. e BAART, J. (1988) – *Faiança Portuguesa 1600-1660*, Lisboa – Amesterdão.

CORREIA, V. (1918b) – *Oleiros e pintores de louça e azulejos de Lisboa, (Olarias, Anjos)*, Atlântida. Lisboa. 8.

CORREIA, V. (1956a) – *Oleiros Quinhentistas de Lisboa, Azulejos*. Coimbra, p. 97-112.

MANGUCCI, A. C. (1996) – *Olarias de Louça e Azulejo da Freguesia de Santos-O-Velho – dos meados do século XVI aos meados do século XVIII*. Al-madan. Almada, 2.ª Série. 5, p. 155-168.

MANGUCCI, A. C. (2003) – *A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa*. In Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, p. 425-433.

MECO, J. (1989) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa.

QUEIRÓS, J. (1987) – *Cerâmica portuguesa e outros estudos*. Lisboa.

SIMÕES, J. M. S. (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa.